

# Violência moderna

Ives Gandra da Silva Martins

O mundo moderno é um mundo mais violento que aquele em que viveram nossos antepassados.

Desde a formação dos primeiros impérios, quando do início da História narrada documentalmente (6 mil anos atrás), a violência é uma característica da sociedade, à época sempre vinculada à sobrevivência das tribos (choques entre as tribos nômades e sedentárias) ou à conquista de reinos inimigos. A ferocidade dos combatentes em muito superava a violência de hoje, pois os povos derrotados muitas vezes eram passados a fio da espada, sem nenhuma contemplação. Fato comum entre chineses, hindus, hebreus, mitanianos, hititas, assírios, persas, egípcios, etc.

A Grécia, primeiro, e depois Roma, que tornou o Direito instrumento de conquista, humanizaram as guerras, mas nem por isso influenciaram os povos bárbaros, no Ocidente, após a queda do Império Romano, ou os turcos no Oriente, que continuaram com a mesma ferocidade na eliminação do inimigo derrotado.

A própria Idade Média conheceu a violência entre povos, com choques de natureza religiosa, inicialmente entre cristãos e mouros e, na Renascença, entre católicos e protestantes, mas sempre com co-

notação grupal e não individual.

A Idade Moderna e a Contemporânea conheceram guerras mais humanas, mesmo com monarcas absolutos ou na "Era do Terror" da Revolução Francesa, tendo, entretanto, a técnica de matar sido sofisticada nas guerras deste século, em que, todavia, os sobreviventes sempre foram respeitados.

A violência que se vive hoje, todavia, difere da passada, pois aquela estava vinculada, fundamentalmente, à luta pelo poder

principalmente filmes e novelas em que o sexo, a deslealdade de comportamento e a violência são os três ingredientes mais comuns — auxilia a manutenção do ambiente não saudável em que os cidadãos vivem, tanto mais preocupante quanto maior for a cidade.

Nem os governos nem os donos dos meios de comunicação auxiliam a reversão desse quadro ambiental. Para muitos desses formadores de opinião, os conceitos de Deus, família e pátria,

atuais, o terror das guerras é menor, embora mais avassalador que no passado, mas a insegurança é muito maior, pois ninguém confia em ninguém. Não se sabe a quem mais temer, as forças que devem manter a ordem ou aquelas que a violentam permanentemente.

Estou convencido de que um policiamento mais ostensivo, com gente mais preparada e melhor remunerada, é uma forma de reduzir a violência dos desordeiros.

O fracasso do combate às drogas não deve, todavia, desestimular estudos e ações para erradicar esse flagelo do mundo atual.

A volta, todavia, à valorização dos princípios que sempre foram ensinados nas famílias e nas escolas parece-me ser o alívio de qualquer combate objetivando a reversão das sombrias expectativas de agravamento do quadro atual, pois, se não se der conteúdo ético ao povo e aos que o servem, qualquer outra forma de luta contra a violência estará condenada ao fracasso.

SE NÃO SE DAR CONTEÚDO ÉTICO AO POVO E AOS QUE O SERVEM, QUALQUER OUTRA FORMA DE LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA FRACASSARÁ

e a de hoje é a violência contra o cidadão, contra a vida comum, praticada não só pelos detentores do poder, mas por grupos marginais que se fortalecem consideravelmente com o tráfico de drogas e a utilização de seus dependentes, além dos meliantes rotineiros.

O poder amplificador da mídia — que não só dá enorme espaço a esta realidade, como destrói valores, alavancando prin-

que, no passado, davam sentido à vida em sociedade, são conceitos em desuso, arcaicos, superados, optando pela defesa, *ad nauseam*, da liberdade plena sem responsabilidade e sem ordem.

Neste universo, há de se compreender que o povo sofra mais que no passado, pois antes só era vítima das guerras, havendo, no seio da sociedade, um sentido maior de solidariedade que no presente. Nos dias

Ives Gandra da Silva Martins  
é professor emérito da  
Universidade Mackenzie